

tabu

N.º 347 III 26 ABRIL 2013

HOMENS-ESTÁTUA

A ARTE DE FICAR QUIETO
pág. 44

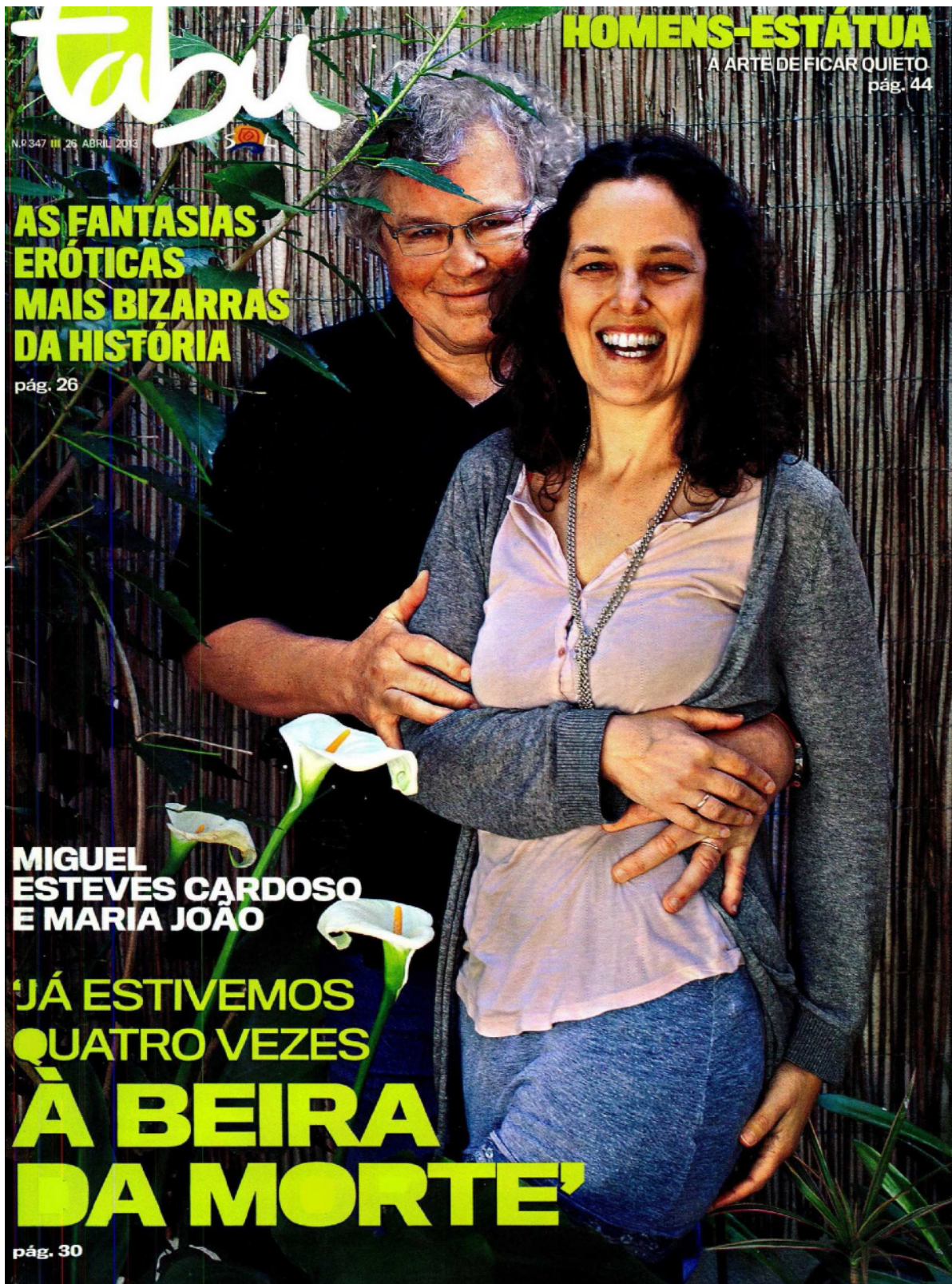
**AS FANTASIAS
ERÓTICAS
MAIS BIZARRAS
DA HISTÓRIA**

pág. 26

**MIGUEL
ESTEVES CARDOSO
E MARIA JOÃO**

**'JÁ ESTIVEMOS
QUATRO VEZES
À BEIRA
DA MORTE'**

pág. 30



Miguel Esteves Cardoso

'Há uma seita de casais **APAIXONADOS**'

Depois de muitos anos de reclusão, Miguel Esteves Cardoso voltou a aparecer nos jornais e o apetite dos jornais por MEC é compreensível. Numa série de entrevistas dadas em Colares, num restaurante perto de casa, com bolinhos e chá, o pretexto era a reedição de cinco livros pela Porto Editora, que agora está encarregue de toda a obra do autor. Mas a presença de Maria João Pinheiro, descrita como «o amor da minha vida», desviou a conversa. MEC diz sempre nós. E ela também. No ano passado as crónicas publicadas sobre um tumor no cérebro de Maria João comoveram milhares de leitores. Uma entrevista do casal sobre a vida e o amor deles

Entrevista de **Telma Miguel** Fotografias de **Raquel Wise**

Por que aceitou agora dar sete entrevistas?

Porque toda a minha vida tenho escrito os meus livros recatado, não faço festas de lançamento, nem sessões de autógrafos. Não me tenho esforçado nada pelos livros. Só tenho escrito e isso é muito confortável, mas agora tenho uma nova editora e sinto que tenho mesmo que me esforçar. As coisas estão muito más e não posso dar-me ao luxo de armar-me em solitário. Tal como os outros escritores, tenho que fazer uma perninha para ajudar a vender os livros. O jornalismo está quase no fim e eu tenho que viver dos meus livros. É assim um acto de desespero.

Mas o Miguel tem uma crónica fixa no Público...

Tenho agora, mas sei lá daqui a três anos o que acontece. O *Público* é um jornal muito bom, mas sai muito caro.

Quem diria que o MEC tem dificuldade em ganhar a vida...

Muita dificuldade, porque as pessoas encomendam e não pagam. Está uma atmosfera horrível. Tenho escrito para muitas

publicações que não pagam, arranjam desculpas. De maneira que agora só trabalho se me pagarem metade à cabeça e a outra metade antes de entregar. É a única maneira, porque tenho levado com tanto caloteiro, tanta aldrabice... Há muita gente a pedir trabalhos que não faz intenção nenhuma de pagar. Desde pequenino sempre quis viver do que escrevia e vivo do que escrevo, mas não sei como vai ser o jornalismo.

Está a pensar escrever mais algum romance?

Estou. Escrevi vários romances e tenho muitos por publicar. Mas o que aconteceu comigo nos romances foi o que acontece sempre na minha vida. Estive n'*O Independente*, a primeira vez falhou, e depois estive em 2000, como director, e falhou. O Parlamento Europeu falhou a primeira vez, fui lá outra vez, falhou a

**Tenho levado com tanto caloteiro, tanta aldrabice...
Há muita gente a pedir trabalhos que não tem intenção de pagar**

segunda vez. O meu primeiro romance, *O Amor é Fodido*, foi um êxito. O segundo romance, que acho que era pelo menos tão bom, foi um fracasso, o terceiro romance, um maior fracasso ainda. Fiquei desiludido. É assim o ritmo da minha vida.

Foi fracasso de crítica ou de vendas?

Um fracasso terrível de vendas. As pessoas não compraram e isso é muito desanimador.

E agora tem alguma receita para fazer as pessoas comprarem, para além da promoção?

Este livro de crónicas, *Como é Linda a Puta da Vida*, vai ter sucesso comercial de certeza.

E o romance que está a escrever?

Sou um escritor, já escrevi teatro, rádio, canções, uma ópera, um escritor tem que escrever tudo. Tenho contos, romances, mas o meu próximo vai ser um romance muito ambicioso.

É sobre quê?

Não posso dizer, é uma ideia muito, muito boa. Não posso dizer nada.

O Amor É Fodido tem uma visão do amor ►



Não gosto de escritores que aproveitam a realidade ou pessoas que conhecem, que roubam personagens. Para mim ficção não é isso

muito negativa, em sofrimento. Ainda a subscreve?

Não acho que seja uma visão negativa, é uma história. Os amores estragados podem ser bonitos. Mas é uma ficção, não é a minha visão pessoal do amor. É uma tentativa de escrever sobre o amor. Reli o livro agora para a reedição e não mudei nada, está perfeito. O livro é 100% ficção. Não gosto de escritores que aproveitam a realidade ou pessoas que conhecem, que roubam as personagens. E verdade que muitos grandes escritores fazem isso, mas para mim ficção não é isso, tem que ser uma coisa inventada pela cabeça.

Não faz pesquisa para escrever os romances?

Ficção é inventar, imaginar, uma floresta no céu, com elefantes cor-de-rosa. Tentar habitar outra realidade. Desde adolescente a ficção foi sempre uma maneira de fugir e de fingir ser outra pessoa, podia ser um domador de leões, se quisesse. É uma grande liberdade. Para as crónicas é que faço pesquisa e posso fazer pesquisa grande. A leitura é um roubo, dois anos de escrita e pimba dá uma tarde de leitura. Por cada palavra escrita mil palavras lidas, estou a ganhar imenso no negócio.

Como é ter uma rotina de escrever todos os dias?

É bom, já faço isso há anos e escrevo todos os dias. Mas ao princípio ficava muito aflito, 24 horas por dia a pensar na crónica. Até porque são 1.500 caracteres, é um formato muito exigente por ser muito curto.

Maria João (M.J.) – E deitas fora coisas maravilhosas.

E no livro aproveitou esses restos?

MEC – Alguns. Muitas vezes uma pessoa zanga-se muito quando lhe cortam os textos, os jornalistas sabem isso bem, mas quase sempre curto fica melhor. É verdade.

Mas podia fazer um *à suísvrenas* crónicas.

MEC – Detesto quem faz isso, género: 'Já no sábado passado abordei este assunto'.



OS CINCO LIVROS agora reeditados pela Porto Editora. Quatro volumes de crónicas e o primeiro romance de Miguel Esteves Cardoso, *O Amor é Fodido*, na altura, em 1994, um sucesso de vendas

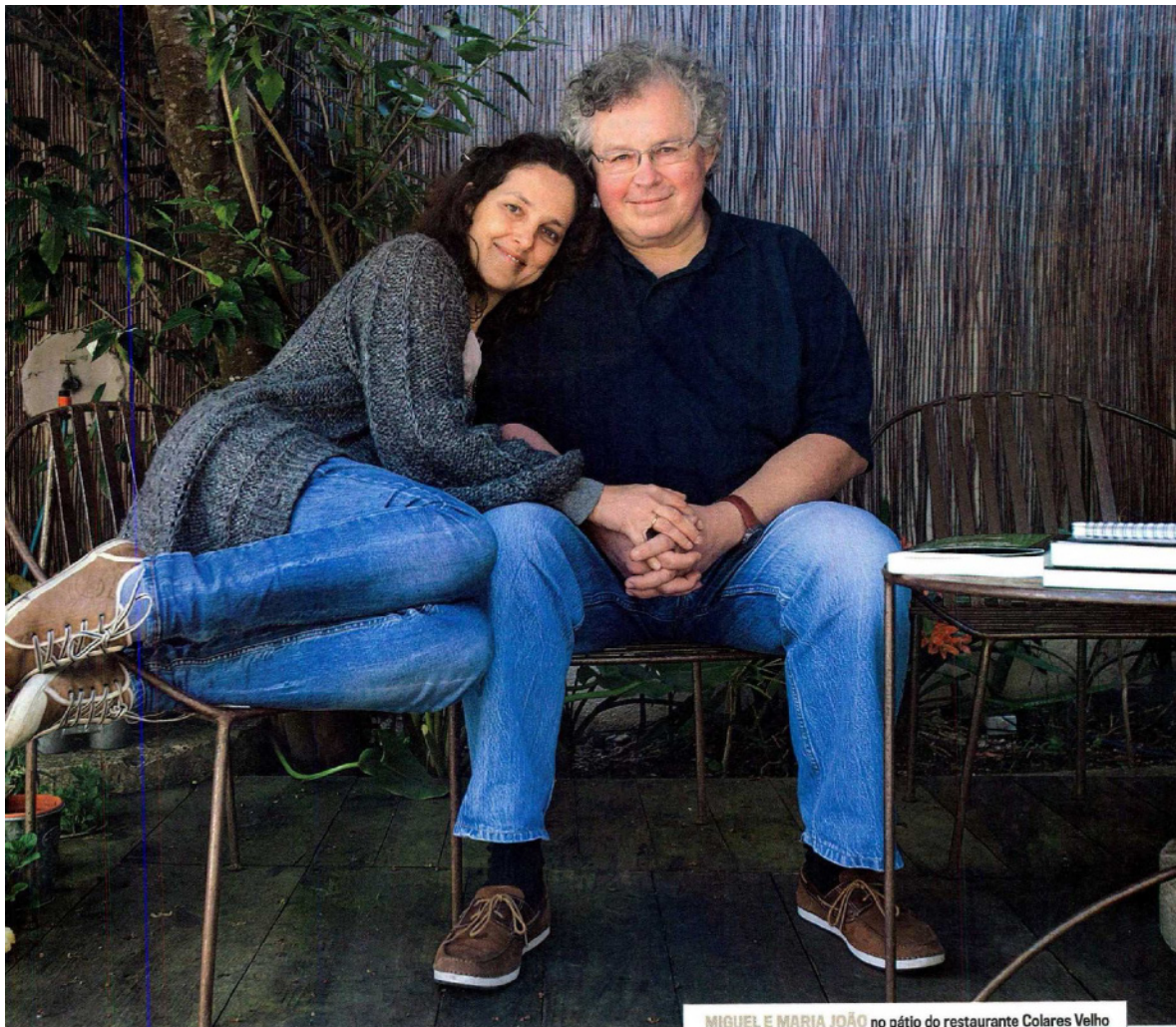


Boring. 'Para a semana falarei então dos aspectos...' Isso devia ser proibido no jornalismo. 'Vou dividir em três partes o meu raciocínio sobre os partidos políticos'. Isto não prende nada. Então se isto é uma primeira parte não quero ler nada! Tenho mais que fazer...

Quais são as mais exigentes?

MEC – As mais difíceis são as que procuro dizer alguma verdade sobre a vida, porque já tudo foi dito. Posso escrever sobre o regresso do calor ou os passarinhos serem bonitos. Por acaso, escrevi uma recente sobre os andorinhões, que são espectaculares, são muito maiores que as andorinhas e são muito raros porque se afeiçoam por um sítio velho e se se muda alguma coisa eles não

O meu próximo romance vai ser muito ambicioso mas não posso dizer nada. É uma ideia muito, muito boa



MIGUEL E MARIA JOÃO no pátio do restaurante Colares Velho

voltam. É uma pena não arranjam um nome como deve ser para este pássaro. Nós temos tanto jeito para dar nome a pássaros! **Fez uma coisa que toda a gente achou muito corajosa, que foi escrever sobre o cancro da Maria João.**

MEC – Não era coragem nenhuma, era uma grande aflição. É como aquelas mulheres que desatam aos gritos. Estava sozinho, ela estava no hospital, eu pensava que a Maria João ia morrer e estava aflito. **A Maria João sabia que o Miguel estava a escrever aquelas crónicas?**

MEC – Eu ia lá levá-las de manhã. Escrevi-as para ela, ela chorava mas animava-se. Se não gostasse não escreveria.

M.J. – Foi muito querido, comovia-me imenso, chorava, ainda comove... Pronto. **Foi uma época muito dura da vossa vida.**

Conhecemos tantos casais iguais a nós! É uma seita com muita gente. E reconhecemo-nos à distância

MEC – Sim, mas a Maria João é que disse que mesmo nos dias muito maus nós é que decidimos como é que o dia foi.

M.J. – Um dia em que tenhamos ido ao hospital e que tenha sido muito doloroso, foi também o dia em que estivemos a olhar o mar. E temos o poder de dizer que foi o dia em que olhámos para o mar. Nós é que fazemos o dia.

MEC – Há muito contraste com a realidade lá fora quando uma pessoa entra no hospital, mas vejo-a, é um momento de grande alegria. Ela está doentíssima,

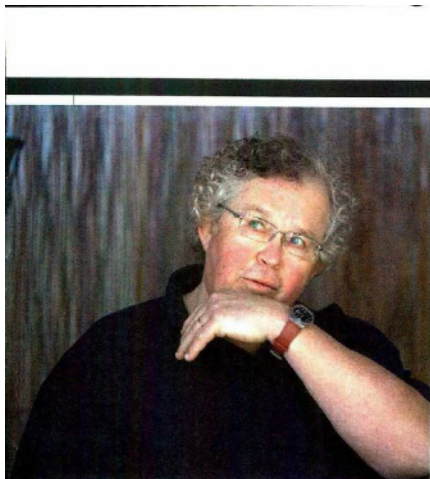
mas para mim não a ver é horrível. Conseguir vê-la faz-me felicíssimo e ela lembra-se que eu levei lá um galão. O dia é tristíssimo em si, mas tem muitas coisas. É tudo muito relativo.

Por causa dessas suas crónicas, que agora abrem o Como é Linda a Puta da Vida, vocês são actualmente o casal romântico nacional.

MEC – Mas há tantos casais iguais a nós! Isto é uma espécie de seita, que é a seita dos casais apaixonados. Só que as pessoas odeiam ouvir isto.

M.J. – No outro dia veio uma senhora dar-nos um beijinho e disse: 'Eu também tenho um amor assim há 50 anos'.

O discurso mais comum é sobre os casamentos que correm mal, em que as pessoas se tratam mal e enganam... ▶



MEC – Nós conhecemos tanta gente, tantos casais, que estão sempre bem, sempre como se estivessem no princípio do amor: É uma seita com muita gente. E reconhecemo-nos à distância. Para muitos deles, nós, que ainda só temos 13 anos de casados, somos uns novatos. Há assim uma sobrançeria.

Qual é o segredo para isso?

MEC – Não é segredo nenhum, é ter a sorte de encontrar a pessoa que se ama.

Como é que o Miguel encontrou a pessoa que ama?

MEC – Levou imenso tempo. Quando a encontrei soube logo que era ela.

Como é que a Maria João o encontrou?

M.J. – Já estava de olho nele. Foi uma pesquisa antiga [risos].

Apaixonou-se por ele intelectualmente?

M.J. – Eu já adorava as coisas que ele escrevia, antes de o conhecer; ou saber que iria conhecê-lo, lia muitas vezes alto às pessoas as coisas que ele escrevia, mas apaixonei-me por ele como pessoa. As pessoas perguntam muito se eu sentia aquele medo ou distância, mas nunca senti. Não há uma hierarquia entre nós, somos um casal, não há uma pessoa que manda, ou de quem eu tenho medo.

MEC – Normalmente quem diz isso é a pessoa que manda [risos].

Como se conheceram?

MEC – Foi um engate. Eu via-a na televisão a apresentar a meteorologia, na SIC. E então escrevi-lhe uma carta, arranjei um pretexto. Fiquei uma semana a redigir a carta no computador: Era uma carta escrita à mão como se fosse espontânea, e redigi-a para aí 40 vezes no computador.

A Maria João achou que era mesmo do MEC?

MEC PARA TODA A GENTE

Tornou-se popular com a série de crónicas A Causa das Coisas, no Expresso, no final dos anos 80. Em 1988, criou com Paulo Portas, o polémico jornal O Independente que reuniu uma nova elite intelectual de colaboradores, onde se destacam Vasco Pulido Valente e Maria Filomena Mónica, e que tinha como designio político o derrube do cavaquismo. Voltaria brevemente à direcção do jornal, numa fase que antecipava o declínio e o fecho em 2006. A revista Kapa foi outro dos projectos de culto que dirigiu. Nascido em 1955 de uma família de classe média-alta, com mãe inglesa, Miguel Esteves Cardoso teve aquilo que se chama uma educação privilegiada, bilingue, e com estudos superiores no Reino Unido, o que lhe deu a perspectiva e distância para amar os portugueses e gozar com Portugal. Sempre com humor e pertinente. No jornalismo correu várias capelinhas, do extinto Sete ao JL. Fez crítica

de música pop e de cinema. Fez os primeiros textos sobre o grupo que ia ser grande, os Madredeus, escreveu letras de canções como 'Foram Cardos Foram Prosas' para a voz de Manuela Moura Guedes. E escreveu teatro. Mas é a literatura o território onde se distingue. Beckett é inevitável. A passagem pela televisão, e sobretudo pela Noite da Má Língua, na SIC, programa mordaz de comentário com Júlia Pinheiro, Rui Zink e Rita Blanco, transformaram-no numa personagem. As iniciais MEC tornaram-se um nome. MEC era inimitável e imparável. No fim dos anos 90 tornou-se eremita. Voltou em 2009 com as pequenas crónicas diárias no Público, onde de novo se vê a inteligência imprevisível de MEC. Mais maduro, onde o amor por Maria João se tornou tema. Nas capas dos livros agora reeditados diz que desde 2000 dedica-se tanto ao casamento como ao trabalho. É feliz da vida.

M.J. – Sim, era uma carta tão linda e genuína como ele é. Fiquei muito emocionada. Mas sou tão ingénua que convidei-o para fazer um pedidório.

E ele foi?

M.J. – Não. [risos]

MEC – Mas veio ter comigo para fazer o trabalho. Eu arranjei o pretexto de convidá-la para fazer umas peças do Beckett para rádio, com a desculpa que ela tinha, e tem, uma voz muito bonita. E depois,

pelo meio do convite, ia dizendo coisas sobre o facto de as pessoas coexistirem no tempo e no espaço, ela podia ter nascido há 200 anos, ou estar para nascer. Ou ter nascido na China.

Mas só a conhecia da televisão e ela dizia coisas mais ou menos mecânicas...

M.J. – Sim, não revelava a minha alma. Mas depois de nos conhecermos mandava mensagens secretas. Falava do tempo em São Miguel, e não sei quê.

É uma relação feita de acasos. O Miguel podia não ter escrito aquela carta.

MEC – Não, isso não. Eu ia escrever aquela carta. Ela é que podia mandar-me à merda.

M.J. – Nem pensar! Houve uma vez em

Foi um engate. Vi-a na televisão, a apresentar a meteorologia, e escrevi-lhe uma carta. Fiquei uma semana a redigir a carta



que eu estava a ver televisão e saiu-me, juro: 'Eu quero casar com este homem'.

MEC – Quando a vi pela primeira vez foi uma luz!

O facto de terem passado pelo cancro da Maria João aumentou o amor?

MEC – Nada, o sofrimento faz perceber coisas novas da vida, não do amor.

O facto de a Maria João ter estado à beira da morte foi também uma experiência religiosa?

MEC – Eu sou judeu, o Deus do Antigo Testamento define-se como um Deus zangado e ciumento. Depois veio Jesus que foi uma criação dos judeus para humanizar a religião. Mas os judeus falam directamente com Deus e estão sempre a dizer, zangados: 'Eu não merecia isto, ouviste?!' Desde que casámos já tivemos quatro vezes à beira da morte.

Como assim?

MEC – Eu tive uma hepatite alcoólica, em 2005, em que ia patinando com o fígado destruído, tive uma infecção por MRSA, aquela infecção resistente a antibióticos, que mata metade das pessoas, em 2007. E depois em 2009, foi o cancro da mama da Maria João e faz agora um ano [fez, no dia 24] uma metástase no cérebro da Maria João. Eh pá, eu sei que somos felizes, mas porra sai-nos tudo muito caro!

Ainda acredita em Deus?

MEC – Acredito. Convenci-me, lendo muitos livros religiosos, que Deus pode existir: Foi Deus que vos salvou?

MEC – Quem salvou foram os médicos, só, e a rapidez com que actuaram. E o Serviço Nacional de Saúde. O SNS está a ser super atacado, mas nós os dois estamos aqui por causa do SNS, eu estava morto em 2005, a Maria João em 2009. As minhas duas filhas não tinham nascido. Os outros doentes oncológicos são também uma rede de apoio, ajudam muito. E foi criada uma corrente no Facebook, de pessoas que leram as minhas crónicas e queriam ajudar a Maria João. E essa corrente ajudou imen-

Desde que casámos já estivemos quatro vezes à beira da morte. Eu sei que somos felizes, mas porra, sai-nos caro!

so. E eu não acreditava naquela coisa do Facebook ...

Com a Maria João está tudo bem?

M.J. – Não sei. É uma coisa semanal. Quando descobri o tumor no cérebro, também achava que estava tudo bem. Comecei a bater com o carro, entornava o chá antes de chegar à boca, deixava cair o telefone 500 vezes. Achei estranho, fui ao hospital e fiquei logo internada.

Sempre gostaram de expor o vosso amor publicamente. O Independent fez uma reportagem com o vosso casamento...

MEC – Eu era director do jornal e era o momento mais importante da minha vida. Eu sei que não se faz, era mau jornalismo. Tenho tantas saudades disso! Qual é o ho-

mem ou mulher que não gosta de ver o seu casamento na capa de uma revista?

É verdade que vocês andam sempre juntos?

M.J. – Sempre que podemos e mesmo assim é pouco.

Vieram viver para Colares, isto é um retiro da vida urbana?

MEC – Vivi muito tempo em Lisboa. Mas sou do Estoril, já vivemos no Estoril. E já mudámos de casa seis vezes. Sempre quis viver em Colares desde pequenino, está perto da praia, está perto de Lisboa. Fomos felizes em todas as casas, mas esta tem qualquer coisa, ainda estamos apaixonados por ela. Passámos lá o Inverno e já passámos pelo mais duro, a humidade, e agora há a suspeita de ratos.

M.J. – É a vantagem de não termos nada, como não temos casa podemos viver em sítios diferentes e giros, como nos apetecer: **Continua a comprar livros ou aderiu aos e-book?**

MEC – Continuo a comprar imensos livros, mas também leio no Kindle, já vou no segundo, o primeiro não aguentou. Às vezes temos o mesmo livro sacado e comprado. Assino todas estas revistas legalmente, a *New Yorker*, a do *Guardian*, a *New Republic*, a *Esquire*, a *Standpoint*, *Little Review*, o *Spectator*, dou muito dinheiro ao jornalismo.

Tem saudades da vida dos jornais?

MEC – Tenho saudades, gostei muito daquele espírito de redacção mas é uma coisa do passado. ●

Quem salvou foram os médicos, só, e a rapidez com que actuaram. E o Serviço Nacional de Saúde